



A (DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO-HERÓI PELOS VEÍCULOS MIDIÁTICOS: o caso Joaquim Barbosa e a sua resignificação social

Carlos Eduardo de Freitas Barbosa¹

1 INTRODUÇÃO²

Vivemos em um mundo em que há a necessidade de nos apoiarmos em alguma figura que nos “complete” social e psicologicamente. Somos sujeitos incompletos, por isso, buscamos uma identificação no outro, almejando desse outro algo que nos complete, que não conseguimos alcançar. Nessa busca por completude, podem surgir sujeitos que se tornam heróis a nosso ver. Pessoas normais, mas quando comparadas a outras, apresentam alguma característica que as torna especiais. E, muitas vezes, quem as torna especiais, alçando-as à figura de herói, é a mídia. Tendo como ponto de partida essa problematização, este trabalho busca analisar a criação, a identificação e a propagação de determinados indivíduos que atuam na sociedade e são tidos como “heróis” sociais. Mais especificamente, estudamos aqui a figura de Joaquim Barbosa.

Os heróis são construídos e propagados através dos processos discursivos nos quais os sujeitos criam uma identificação e identificam o outro. Um herói comumente pode ser um sujeito “normal” que, após algum feito, é elevado a essa categoria. No caso de Joaquim Benedito Barbosa Gomes, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), temos seu destaque junto a mídia, a partir dos julgamentos e punições dos participantes do caso de corrupção nacional – o mensalão. Além de um enorme reconhecimento do caso citado, o juiz emerge na mídia como o primeiro negro de origem modesta a ocupar um cargo de tamanha importância e poder.

A partir disso, surgem as seguintes perguntas: como Joaquim Barbosa é representado e se representa nos discursos da mídia? Ou seja, como, discursivamente, Joaquim Barbosa é alçado à posição de herói nacional? Qual o

¹ Estudante do Curso de Letras/Bacharelado – CAC – UFPE; bolsista do CNPq (carlos_cadueduardo@hotmail.com).

² Este trabalho é parte do projeto de iniciação científica “Identificação, memória e atualidade nos modos de constituição do ‘herói’”, orientado por Evandra Grigoletto.

papel da memória e da mídia nessa construção? O que faz com que brasileiros comuns se identifiquem, ou não, com esse personagem?

Sendo ele uma figura pública, a mídia produziu e continua produzindo e fazendo circular muitos discursos acerca de Joaquim Barbosa. Embora, em sua maioria, esses discursos projetam uma imagem de JB como um herói que luta pelo bem do Brasil, em alguns, ele nada mais é do que um corrupto fascista.

Para buscar responder a tais questionamentos e observar o funcionamento desses discursos acerca de JB, serve como referencial teórico a Análise do Discurso, para a qual o sujeito é determinado sócio-historicamente e mantém uma relação intrínseca com o discurso e a produção de sentidos. Desta forma, as análises focam em como se dá esse processo de heroicização acerca da figura de Joaquim Barbosa.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Para iniciar as reflexões acerca do sujeito, devemos saber que o sujeito aqui tratado é o sujeito do discurso, o qual é interpelado pela ideologia e determinado pelo histórico-social.

Em seu estudo, Pêcheux (1969) diz que o sujeito é um lugar determinado na estrutura social. Por isso, este sujeito não está na origem do dizer, pois ele é duplamente afetado: dotado de inconsciente e interpelado pela ideologia. No entanto, o sujeito que é interpelado ideologicamente não sabe disso, já que suas práticas discursivas se apoiam na ilusão de que ele é a origem do dizer e domina com perfeição o que tem a dizer.

Em 1975, Pêcheux introduz a questão dos esquecimentos, abordando-os a partir dos estudos Freudianos. Afirma que “a necessária referência do que *eu* digo àquilo que *um outro* pode pensar, na medida em que aquilo que eu digo *não está fora do campo daquilo que eu estou determinado a não dizer*” (Pêcheux, 1997b, p. 161). Para refletir sobre os esquecimentos ele utiliza uma oposição entre o “sistema pré-consciente-consciente” e o “sistema inconsciente”. (Idem)

Tais esquecimentos são divididos em dois: o nº 2 se dá no interior da FD que o sujeito-falante domina, encontrando nela uma relação de paráfrase; o nº 1 consiste no fato de que o sujeito-falante não pode se encontrar no exterior da FD que o domina. “Nesse sentido, o *esquecimento nº1* remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão”. (Pêcheux, 1997b, p. 162)

Refletindo também sobre os esquecimentos, temos o que a autora brasileira, Eni Orlandi, argumenta sobre o assunto, da qual destacamos, para complementação do que foi dito por Pêcheux, que:

O esquecimento nº 2 é o “esquecimento enunciativo”, da ordem do pré-consciente, consciente, e que determina se dizemos algo de uma maneira e não de outra; já, o esquecimento nº 1 é da ordem do inconsciente, é o chamado “esquecimento ideológico”, que resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. (ORLANDI. 2012. P. 35)

No início de sua teoria, Pêcheux busca criar um maquinário para a Análise do Discurso que vai de encontro a outras teorias da linguística, uma vez que partilha da ideia da língua como um sistema sujeito a falhas, pensando a construção do sujeito e sentido através da ideologia. Tal construção se dá pelo discurso, o qual é definido por Pêcheux (1997, p. 82) como “efeito de sentidos” entre locutores. As condições de produção, outra noção introduzida por Pêcheux em sua primeira obra, apontam para o fato de que “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos”. Desta maneira, os lugares ocupados pelos sujeitos definem suas inserções no processo discursivo, visto que nem o sujeito, nem o sentido estão completos, feitos e constituídos definitivamente.

Consequente ao seu trabalho inicial, Pêcheux, juntamente com Fuchs, apresenta o quadro epistemológico da Análise do Discurso (AD), havendo uma atualização dos conceitos previamente definidos por Pêcheux. Assim, são debatidas as regiões que ultrapassam o conhecimento científico do campo teórico proposto, que seriam o materialismo histórico de Althusser, a linguística e a teoria do discurso propriamente dita, sendo todas essas três regiões perpassadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. As *condições de produção* e sua relação com as *formações ideológicas* são expostas: “toda formação discursiva deriva de condições de

produção” (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 167). As formações ideológicas determinam o conjunto de saberes do Sujeito Universal – forma-sujeito histórica – o qual, por sua vez, regula o que pode e deve ser dito na Formação Discursiva. O resultado dessa relação entre o sujeito enunciador e a forma-sujeito da FD são as tomadas de posição e/ou as formas de identificação do sujeito com a FD na qual inscreve o seu discurso.

Na AD, a relação que se estabelece entre as FD's (formações discursivas) e os processos que corroboram para a identificação para/com o sujeito resulta nas formas de identificação – posições-sujeito (Pêcheux 1975).

Segundo Pêcheux, a noção de formação discursiva (FD) “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos, que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando “o que deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997b, p. 161). Assim, é que a forma-sujeito histórica relaciona-se com o sujeito do saber de uma FD (Cf. Pêcheux, 1997b, p. 198) e, por sua vez, com o sujeito enunciador, o que vai resultar nas relações de des/contra/identificação, tratadas pelo autor como “três” modalidades que caracterizam as tomadas de posição do sujeito no discurso. Quais sejam:

- A primeira é a da superposição que ocorre entre o sujeito do discurso e o sujeito universal da FD, relevando uma identificação plena do sujeito enunciador com a forma-sujeito da FD que o afeta, revelando o discurso daquele que Pêcheux chamou de o *bom sujeito*;
- A segunda modalidade reflete o discurso daquele que Pêcheux chamou o *mau sujeito*, ocorrendo uma separação, um distanciamento em relação aos saberes da forma-sujeito, conduzindo o sujeito do discurso a contra-identificar-se com a forma-sujeito da formação discursiva que o afeta;
- A terceira modalidade consiste no processo de desidentificação do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que o afeta, o que produz o processo de ruptura com essa FD e consequente identificação com outra FD. (Cf. PÊCHEUX, 1975)

Também nos apropriamos do que diz a autora Freda Indursky, quando esta atenta para a necessidade de reflexão sobre a noção de sujeito. A autora retoma a ideia de que o sujeito da AD “é dotado de inconsciente. E em sua constituição social ele é

interpelado pela ideologia” (INDURSKY, 2008, p. 11). A partir disso, relaciona, em sua reflexão, à noção de sujeito, as noções de forma-sujeito, a fragmentação da forma-sujeito – o bom sujeito e o mau sujeito –, a formação discursiva e a tomada de posição, ou seja “o ponto de vista do sujeito” (Idem, *ibidem*).

Indursky afirma que “se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido.” (INDURSKY, 2011, p. 71). A repetição pode levar o sujeito do discurso a uma (res)significação. E isso ocorre porque o sujeito do discurso pode (des)identificar-se com alguns saberes e se identificar com outros. A memória, no âmbito de uma FD, permite a lembrança, a repetição, a refutação, mas também o esquecimento dos elementos do saber que são usados no discurso do sujeito.

A (res)significação do sujeito que se assujeita a uma nova imagem e/ou a novos saberes/sentidos, inscrevendo seu discurso em uma também nova FD, se dá pelo fato de que o mesmo é afetado pelo histórico, pelo ideológico e pelo inconsciente, sem ter consciência de que é interpelado por tais aspectos. Esse é o processo do efeito ideológico que comparece no discurso da mídia para (re)criar uma nova imagem de Joaquim Barbosa, deixando para trás sua imagem de “apenas” humano, para se tornar o defensor dos brasileiros. Um herói que vem representar um ideal com o qual as pessoas podem se (des)identificar. A exemplo de grande parte dos heróis, Barbosa tem uma origem humilde, porém grandes atos e feitos são destinados a ele.

3 A (RES)SIGNIFICAÇÃO DO SUJEITO-HERÓI: JOAQUIM BARBOSA

Existe uma exposição muito grande na mídia da imagem de Joaquim como um grande herói. Para tal, é usada uma grande variedade de truques e “manipulações” em sua figura física, como as modificações que são vistas nas sequências discursivas abaixo selecionadas:

SD 1 -

Disponível em: <https://goo.gl/mXqNps>

Constitui nossa primeira SD essa imagem de capa do ministro, publicada na revista *Isto é*, em setembro de 2013. Na imagem, visualizamos a seguinte legenda: “A NOVA BATALHA DE JOAQUIM. Derrotado, o presidente do STF enfrenta agora a missão de conduzir o julgamento dos mensaleiros sem atropelar direitos nem permitir a impunidade”.

A imagem remete à época da Monarquia, lembrando a vestimenta dos nossos imperadores, possivelmente Dom Pedro II, que é tido como um dos heróis da nossa história e possui uma trajetória semelhante à de Joaquim. Vejamos um breve resumo da trajetória de Dom Pedro II:

Pedro II cresceu para se tornar um homem com forte senso de dever e devoção ao seu país e seu povo. Herdando um Império no limiar da desintegração, Pedro II transformou o Brasil numa potência emergente na arena internacional. A nação cresceu para distinguir-se de seus vizinhos hispano-americanos devido a sua estabilidade política, a liberdade de expressão zelosamente mantida, respeito aos direitos civis [...] Apesar de não haver desejo por uma mudança na forma de governo da maior parte dos brasileiros, o Imperador foi retirado do poder num súbito golpe de Estado que não tinha maior apoio fora de um pequeno grupo de líderes

milhares que desejam uma república governada por um ditador. Pedro II havia se cansado da posição de Imperador e se tornado desiludido quanto às perspectivas do futuro da monarquia, apesar de seu grande apoio popular. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_II_do_Brasil)

Olhando especificamente para a imagem da capa, a pose de Joaquim, suas roupas e a espada que ele segura constroem uma linha de significação que remete à identificação de Joaquim com Dom Pedro II e, conseqüentemente, à identificação de Joaquim Barbosa a um lutador, um herói que trabalha pela nação para vencer a corrupção. Joaquim, assim como Pedro II, foi derrotado, mas, ao contrário do imperador, ele permanece no poder e continua sua *batalha*, em busca de um país mais justo. E é a essa imagem de justiceiro, de herói nacional que luta, ultrapassando barreiras, para colocar políticos corruptos na cadeia que os brasileiros buscam se identificar. Ambos, apesar do triste fim de Pedro II, seguem o mesmo caminho ideológico, já que buscam um Brasil mais justo e competente.

Como sabemos, para construir esse sentido, existe uma retomada de sentidos que vêm à tona pelo viés da memória. Entretanto, essa repetição pode levar à ressignificação, assim, é possível que a identificação não seja necessariamente com Pedro II, mas, por exemplo, com Dom Pedro I, fazendo uma inferência à independência do Brasil. De todo modo, o efeito de sentido que se produz, a partir dessa imagem, da postura e do contraste construído pelo reflexo da cor dourada da roupa no rosto de Joaquim, é o de estarmos diante de um herói que enfrenta uma *nova batalha, sem atropelar direitos nem permitir a impunidade*. Ou seja, um homem exemplo de retidão, a quem todos os brasileiros devem respeito e admiração. Joaquim Barbosa é o nome do responsável em tornar o Brasil independente dos corruptos. Joaquim, assim, é construído como um lutador, um soldado ou justiceiro que batalha pelo Brasil. E isso é o que nos permite, enquanto brasileiros, criar um vínculo com a sua imagem, identificar-se com ele.

Na matéria da revista *Isto É*, além da capa usada anteriormente, podemos destacar um breve trecho que acompanha a formação do discurso do herói:

SD2 - “Treze meses depois, o juiz que muitos brasileiros passaram a considerar como **símbolo da luta contra a corrupção...**”.

Nesse fragmento, observamos que o sentido se constrói na relação com a ideologia heroica. Aqui, temos a ideia de Barbosa como símbolo de defesa, de luta contra os corruptos, uma das associações que o constrói como herói. Como *bom sujeito*, que se identifica plenamente com a forma-sujeito heroica, o discurso é construído pela mídia para que Joaquim ocupe a posição de justiceiro; e nós, os brasileiros, somos projetados como indivíduos a serem por ele defendidos. Pela língua e pela memória discursiva, recupera-se a história do escândalo do mensalão que ocupa(ou) o cenário nacional. Assim, pelo discurso da mídia, Joaquim Barbosa é (des)caracterizado como menino negro e pobre que ascende na sociedade para ocupar um cargo de prestígio e poder.



Nesta imagem, Joaquim é representado como integrante do grupo de super-heróis, ao lado de Hulk, Capitão América, Thor e Homem de Ferro. Diferente das revistas, na internet, de onde o *cartoon* foi retirado e também circulou, há uma maior liberdade para criação. Nesse caso, a diferença entre Joaquim e os outros super-heróis é que ele não possui poderes sobre-humanos, sendo um humano que se torna conhecido pelo seu trabalho, alçado à condição de herói pelo discurso midiático. É como juiz do STF que ele é aí apresentado como herói. Não um juiz qualquer, mas aquele que é responsável por levar políticos corruptos a severos julgamentos e, por isso, faz os brasileiros acreditarem que há sim justiça neste país,

contrariando um sentido dominante e cristalizado socialmente de que, no Brasil, só são julgados e presos os pobres. Mobiliza-se aqui uma memória nacional acerca da justiça brasileira e o sentido é desestabilizado pela caricatura que apresenta a imagem de Joaquim Barbosa. Assim, a ideologia vai ao encontro de uma caracterização de JB como herói, ainda que de forma caricata, apresentando-o como um baixinho cabeçudo de martelo e capa.

O *cartoon* ainda apresenta o seguinte discurso, **“Agora o time está completo. O Joaquim Barbosa chegou!”**. Este discurso corrobora para sua (res)significação heroica de forma que o time só estaria completo com sua participação, um herói sem poderes sobre-humanos. Ainda que não haja um domínio de saber em relação a quem são Os Vingadores (super heróis que lutam contra monstros e salvam abertamente o mundo), toda a sua caracterização cristaliza essa ideia, as roupas, os acessórios e o gigante verde desproporcional aos outros (Hulk) levam ao ideal de defensores. Outro aspecto se dá em relação ao tamanho de Joaquim, se comparado aos outros. Sendo o menor do grupo e aparentemente indefeso, ele seria a peça chave do grupo, levando o leitor a se identificar com uma formação de bom sujeito, ou sujeito herói.

Assim, buscamos uma identificação dos heróis para com Barbosa, pois ele assume a posição de herói-humano, buscando vingança, assim como os super-heróis, os quais lutam contra as forças do mal. No caso de Joaquim Barbosa, a vingança deve acontecer pela justiça contra os corruptos. Nessa relação de identificação com o outro, a mídia constrói, mais uma vez, Joaquim Barbosa como um herói nacional, com o qual devemos nos identificar, já que, pelo exemplo de homem justiceiro, buscamos nessa imagem o ideal de completude.

SD4 -

Disponível em: <http://goo.gl/kHB1hl>

Na SD4, temos uma referência a Dom Pedro I, o qual às margens do Ipiranga deu o famoso grito de **“Independência ou Morte”**. Através da ideologia, Joaquim é (re)significado de juiz a Imperador. O efeito de sentido produzido, pelo viés do funcionamento ideológico, é que Joaquim Barbosa fará a “independência do Brasil”, promovendo a libertação do povo brasileiro dos políticos corruptos. Os elementos que corroboram para a significação de Joaquim como herói são: a) sua feição de ira, que grita parodicamente **“Justiça ou Morte”**; b) a espada que segura na sua mão direita, e nesta, uma cueca, recriando, assim, o momento dos escândalos do mensalão (onde Joaquim é figura de importante presença) e o curioso caso do político flagrado com dinheiro escondido em sua cueca. Observamos, então, que não é somente a memória do grito de Independência, proclamado por Dom Pedro I, que comparece aí nessa imagem. Esses sentidos que são retomados pelo viés da memória discursiva res(significam) na atualidade e contribuem para o processo de identificação do povo brasileiro com o herói “Joaquim Barbosa”.

Aqui, novamente, Joaquim ocupa uma posição de prestígio, já que sua pose imponente em um cavalo remete à construção de sua figura como herói. Ainda que possa haver um esquecimento da figura de Dom Pedro I, esse afastamento do ideal do imperador faz com que a situação se torne mais cômica, porém dotada de um discurso que caracteriza Joaquim como um defensor, um cavaleiro, montado num cavalo com sua espada em busca de justiça; seu grito se dirige a todos os corruptos como um aviso de chegada que marcaria o fim do *reinado* da corrupção.

SD5 -



Disponível em:

<http://2.bp.blogspot.com/JRimeF9WWf8/Up9cXYxFCUI/AAAAAAAAIdk/22sLv38bD2s/s1600/joaquim+bargosa.png>

Na SD5, temos uma comparação na identificação de Joaquim: na primeira parte da imagem, ele é descrito com a frase “**para os leigos, trata-se de um herói**”; já, na outra parte, ele é representado como um anti-herói pela frase “**no meio jurídico, trata-se de alguém que está desmoralizando a justiça**”. Nesse caso, encontramos duas Formações Discursivas antagônicas: uma apresenta JB como herói, como é conhecido pela grande maioria dos brasileiros (FD1); e a outra apresenta o lado dos seus colegas do meio jurídico que o enfrentam (FD2). Assim, o sujeito-leitor poderá se identificar com os sentidos de qualquer uma dessas

formações discursivas (FDs), na qual se inscrevem sentidos antagônicos sobre JB. Embora a posição defendida pelo autor do *cartoon* é que Joaquim Barbosa não é um herói, já que quem o julga assim são os *leigos*, e sim um juiz que está *desmoralizando a justiça*. Por isso, *ele divide opiniões*.

No entanto, esse sentido de JB como anti-herói não é recorrente no material analisado, sendo dominante os elementos que corroboram para a sua (re)criação como herói. Todos os aspectos já vistos nas SD's anteriores servem para que tal imagético heroico seja cristalizado nesta FD1. Desta forma, o uso de roupas antigas, a aproximação a heróis "de verdade" e toda a exposição na mídia, que o retrata como um lutador que subiu na vida ainda que contra todas as adversidades, ressoam aqui, fazendo com que os ditos "leigos" se identifiquem com o "herói" Joaquim Barbosa. Podemos compreender a jornada de Joaquim através das palavras de Campbell, em *O Herói de Mil Faces*, no qual ele explica o processo pelo qual o herói passa:

Esse primeiro estágio da jornada mitológica — que denominamos aqui "o chamado da aventura" — significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico. Mas sempre é um lugar habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, tormentos inimagináveis, façanhas sobre-humanas e delícias impossíveis. O herói pode agir por vontade própria na realização da aventura, como fez Teseu ao chegar à cidade do seu pai, Atenas, e ouvir a horrível história do Minotauro; da mesma forma, pode ser levado ou enviado para longe por algum agente benigno ou maligno, como ocorreu com Ulisses, levado Mediterrâneo afora pelos ventos de um deus enfurecido, Posêidon. A aventura pode começar como um mero erro, como ocorreu com a aventura da princesa do conto de fadas; igualmente, o herói pode estar simplesmente caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro atrai seu olhar errante e leva o herói para longe dos caminhos comuns do homem. Os exemplos podem ser multiplicados, ad infinitum, vindos de todos os cantos do planeta. (CAMPBELL, 1949, p. 66)

Já na FD2 temos o lado dos que identificam JB como um anti-herói, sendo usada a frase "no meio jurídico, trata-se de alguém que está desmoralizando a justiça". Para reforçar tal sentido, trazemos a opinião do colunista da revista *Carta Capital*, Luis Nassif, na qual ele compara Joaquim a um bêbado e aponta seus erros.

O consenso no meio jurídico é que trata-se de um desequilibrado que está desmoralizando a Justiça e, principalmente, o mais alto órgão do sistema: o STF [...]. O advogado Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakai, lembrou a cena da semana passada, na qual Barbosa acusou todo o tribunal de fazer

“chicana” – na linguagem jurídica, malandragem para atrasar julgamentos. A única voz que se levantou protestando foi a do calado Teori Zavascki. Os demais recuaram, com receio da baixaria – o mesmo receio que acomete um cidadão comum no bar, quando entra um bêbado ou um alucinado distribuindo desaforos. [...] O Código da Magistratura proíbe que juízes sejam proprietários de empresas ou mantenham endereço comercial em imóveis funcionais. O órgão incumbido de zelar por essa proibição é o Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Barbosa é a única exceção de magistrado que desobedeceu a essa obrigação. Ao mesmo tempo, é o presidente do STF e do CNJ. Como se pode tolerar essa exceção? Se algum juiz federal abrir uma representação junto ao CNJ para saber se liberou geral, qual será a resposta do órgão? E se não abriu, como tolerar a exceção? (NASSIF, 2013).

Percebemos que a imagem, presente em FD2, busca fazer com que os sujeitos se contra/desidentifiquem com a figura heroica antes imposta. Para haver a identificação com a imagem do herói, é preciso estabelecer relações com a memória discursiva, a qual possibilita que o sujeito recrie os momentos do mensalão e toda a sua repercussão, acarretando numa imagem de Joaquim como herói, já que ele julgou e condenou os culpados e demais envolvidos em tal acontecimento.

Já para a significação de anti-herói, os indivíduos buscarão conhecimentos e opiniões como a de Nassif, onde ele produz um efeito de esquecimento da figura de JB como herói. Sendo assim, sob a luz da imagem do herói, ele é visto por alguns (sobretudo pelos seus próprios colegas do *meio jurídico*) como alguém que deturpa seu ambiente de conforto e segurança, um baderneiro que destrói a justiça implantada. O contexto histórico e ideológico de Joaquim é exposto para degradação de sua imagem: um menino negro e pobre, que buscava poder e fez por onde obtê-lo, corrompendo o ambiente de “justiça” dos políticos.

Podemos então perceber, através desta pesquisa, que Joaquim Barbosa não se (re)significa, ele é (re)significado, neste caso pela mídia. Sua construção envolve os mais diversos artifícios, que vão de manipulações com sua imagem física, até as roupas diversas e discursos encorajadores. O discurso acerca de Joaquim Barbosa cristaliza um sentido: sua imagem como herói, representando um ideal de esperança na luta da justiça contra a corrupção. Sua história de vida é usada como um exemplo de perseverança e luta em busca de uma vida melhor: um menino negro e pobre que chega a ocupar um dos cargos de maior poder da justiça brasileira. Tamanha exposição de sua figura na mídia teve como consequência despertar o posicionamento crítico do povo brasileiro, já que JB tornou-se uma das figuras mais

comentadas e populares do Brasil, um exemplo de retidão a ser seguido. Assim, podemos dizer que Joaquim serviu como símbolo de luta para os diversos protestos que se espalharam pelo país a partir de junho de 2013.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a constituição do herói pela mídia nos fez observar que o discurso midiático produz sentido pelo viés da memória discursiva e, pela repetição, faz funcionar o efeito ideológico de um sentido único. Neste caso, a representação de Joaquim Barbosa como um herói nacional.

No entanto, os sentidos deslizam e, mesmo sendo retratado como herói por uma maioria, ainda há uma relutância por parte de alguns para se identificar com essa imagem. A imagem de um menino pobre e negro que ascende perante a sociedade e busca retribuir de alguma forma é algo com que muitos se identificam, mesmo que inconscientemente. Num país onde a desigualdade é explícita, o surgimento de um herói nacional, vindo de um lugar de pobreza, se cristaliza como a imagem de um defensor, sendo esse o sentido dominante.

Essa construção se assemelha ao que Indursky (2011) explica sobre (res)significação identitária, em que a repetição pode levar o sujeito do discurso a uma (res)significação social. E isso ocorre porque o sujeito do discurso pode (des)identificar-se com alguns saberes e se identificar com outros, produzindo, assim, uma nova identidade mesmo para uma figura já cristalizada socialmente.

Assim chegamos à conclusão de que a ascensão do herói se constitui por ordem da (re)produção de um imagético que outros fazem em relação a um determinado sujeito, seja este um bom ou mau sujeito. Joaquim se consagra quase que completamente como um herói aos olhos dos brasileiros pelos quais ele se propôs a lutar. Quase todas as suas representações fantásticas que observamos durante esta pesquisa se constroem sobre as suas ações em defesa dos cidadãos. Ainda que o próprio não se considere um herói propriamente dito, ele certamente agiu como um.

REFERÊNCIAS

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E.A. (Orgs). **Práticas Discursivas e Identitárias**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 9 - 33.

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MTTMAN, S.; FERREIRA, M.C.L. (Orgs.) **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011, p. 67-89.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 10ª Ed., 2012.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET & HAK (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. (1969). Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de **Michel Pêcheux**. In: **GADET & HAK (Orgs) Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

PÊCHEUX, M. (1975) **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997b.

CAMPBELL, J. (1949) **O Herói de mil faces**. 11ª Ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.

BERTO, Luiz. **CLAYTON – O POVO. Jornal da Besta Fubana**. Disponível em: <<http://www.luizberto.com/fuleiragem/duke-%E2%80%93-super-noticia-77>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

CARDOSO, Paulino. **Multiculturalismo, afrodescendentes e pensamentos dispersos**. Disponível em: <http://multiculturalismoepopulacoesafricanas.blogspot.com.br/2014/05/reforma-politica-ou-reforma-politica.html> acessado em: 20/02/2014

ABE, Narumi. **Stoa**. Disponível em: < <http://stoa.usp.br/narumi/weblog/113777.html>> acessado em: 20/02/2014

http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_II_do_Brasil acessado em: 15/12/2013

<http://www.cartacapital.com.br/politica/uma-encrenca-chamada-joaquim-barbosa-9008.html> acessado em: 04/08/2014.

REVISTA ISTO É. São Paulo. Edição 2288, Ano 37, Nº2288, 25 set. 2013.